

# **LABIRINTOS VISUAIS: A DIAGRAMAÇÃO COMO ESTRUTURA NARRATIVA.**

**Bruno de Souza Gouveia<sup>1</sup>**  
**Guilherme Paranhos Paes<sup>2</sup>**  
**Mirtes Marins de Oliveira<sup>3</sup>**

Universidade de Marília, UNIMAR

Mestre pela Universidade Anhembi Morumbi, UAM

Doutora pela PUC-SP e Coordenadora de pós-graduação na Universidade Anhembi  
Morumbi, UAM

## {RESUMO}

Este artigo investiga a diagramação como recurso narrativo na edição 2024 de *Casa de Folhas*, de Mark Z. Danielewski. A análise destaca como tipografias variadas, cores e orientações textuais não convencionais transformam o livro em uma experiência ergódica, tornando o leitor coautor do significado. Discute-se a subversão dos grids tradicionais, o uso do espaço em branco como “silêncio visual” e a fragmentação tipográfica para refletir a complexidade psicológica dos personagens e intensificar o suspense. Argumenta-se que, ao exigir interação física (girar, folhear em ângulos inusitados), o design editorial recria a desorientação labiríntica da narrativa. Conclui-se que *Casa de Folhas* redefine o papel do design gráfico, integrando forma e conteúdo de modo inseparável e evidenciando seu potencial narrativo em obras experimentais.

**Palavras-chave:** Casa de Folhas, design editorial, diagramação, narrativa ergódica, literatura experimental.

## {ABSTRACT}

This article examines layout as a narrative device in the 2024 edition of *House of Leaves* by Mark Z. Danielewski. It highlights how varied typefaces, color shifts, and unconventional text orientations create an ergodic reading experience that enlists the reader as co-author of meaning. The study addresses the subversion of traditional grid structures, the use of white space as “visual silence,” and typographic fragmentation to mirror characters’ psychological complexity and heighten suspense. It argues that requiring physical interaction (rotating the book, navigating angled spreads) recreates the narrative’s labyrinthine disorientation. The article concludes that *House of Leaves* redefines editorial design, fusing form and content inseparably and showcasing the narrative potential of experimental book design.

**Keywords:** House of Leaves, editorial design, layout, ergodic narrative, experimental literature.

<sup>1</sup>Bruno de Souza Gouveia é Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Marília - UNIMAR. cursando Design de Produto no Centro Universitário FAM.

<sup>2</sup>Guilherme Paranhos Paes é pesquisador na área de design gráfico com foco na linguagem visual do design contemporâneo brasileiro, é doutorando e possui mestrado pela PPG Design - Universidade Anhembi Morumbi (UAM).

<sup>3</sup>Mirtes Marins de Oliveira é doutora em Educação: História, Política, Sociedade (PUC-SP), pesquisadora, docente e coordenadora do PPG Design na Universidade Anhembi Morumbi (UAM).

## {INTRODUÇÃO}

A diagramação, historicamente compreendida como instrumento para organizar o conteúdo textual, adquire função narrativa inovadora em *Casa de Folhas*, de Mark Z. Danielewski. A obra transforma o livro em uma experiência visual e sensorial, na qual o design editorial se torna elemento ativo da construção do enredo. A edição brasileira de 2024, publicada pela Darkside Books, intensifica esse caráter experimental ao empregar recursos como múltiplas tipografias, espaços em branco expressivos, uso de cores e orientações textuais não convencionais.

A editoração dessa edição foi descrita por seu responsável, Paulo Raviere, como um processo complexo, que exigiu a incorporação de elementos como anagramas, braile, símbolos aeronáuticos, fórmulas matemáticas e variações estilísticas. Tais recursos ampliam a complexidade narrativa da obra, exigindo do leitor um envolvimento físico e cognitivo contínuo, evocando a sensação de exploração labiríntica central à proposta do romance (Dark Blog, 2024).

Este artigo propõe compreender como o design editorial de *Casa de Folhas* contribui para a constituição de uma experiência narrativa singular, em que forma e conteúdo se entrelaçam de maneira intrínseca. A principal questão investigada é: de que modo a diagramação transforma a leitura da obra em uma experiência ergódica e sensorial, em que o leitor é conduzido à exploração dos limites entre materialidade e narrativa?

O objetivo geral é demonstrar como os recursos gráficos do design editorial se integram à construção da narrativa, espelhando a desorientação psicológica e espacial dos personagens. Para isso, são definidos os seguintes objetivos específicos:

- Analisar a subversão dos grids como estratégia de desorientação;
- Investigar o papel do espaço em branco como elemento narrativo;
- Avaliar as tipografias variáveis na fragmentação das vozes narrativas;
- Estudar como colunas múltiplas e orientações textuais não lineares favorecem a simultaneidade de eventos e a criação de uma visualidade caótica.

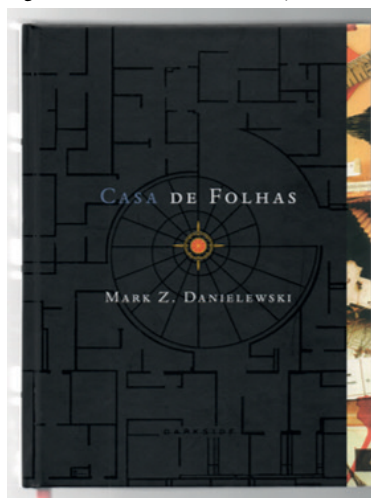
Assim, este estudo visa não apenas analisar os aspectos gráficos da obra, mas também discutir como o design editorial em *Casa de Folhas* reorganiza a relação entre texto, leitor e narrativa, promovendo uma experiência estética que rompe com os paradigmas da literatura tradicional.

### Estudo de Caso: *Casa de Folhas*, de Mark Z. Danielewski

Este artigo tem como objeto de análise a edição de 2024 do romance *Casa de Folhas*, publicada pela editora Darkside Books. O foco do estudo reside na diagramação desta versão, observando como os elementos gráficos ampliam e transformam a experiência narrativa proposta por Mark Z. Danielewski. Trata-se de uma obra que articula de forma complexa diferentes recursos visuais — tipografias múltiplas, cores específicas, orientações textuais não convencionais e o uso expressivo do espaço em branco — para construir um ambiente visual que reforça os aspectos labirínticos e fragmentários da narrativa.

A materialidade do livro já antecipa essa proposta. A capa, concebida com elementos visuais que evocam a atmosfera inquietante da trama, opera como um prelúdio visual da experiência sensorial e psicológica a ser vivida pelo leitor. Com 738 páginas no formato 17 × 23,5 cm, capa dura e peso aproximado de 1170 g (Figura 1), a edição destaca-se não apenas pelo conteúdo textual, mas também por sua estrutura física, que participa ativamente da construção de sentidos.

Figura 1. *Casa de Folhas* (Edição 2024).



Fonte: Arquivos do autor

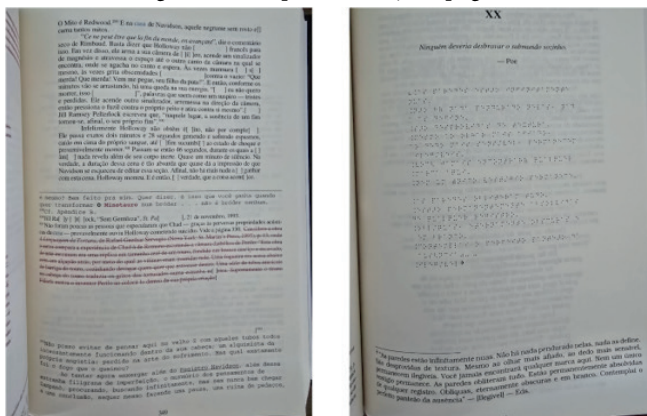
Mark Z. Danielewski, autor da obra, é reconhecido por seu trabalho literário experimental, caracterizado por romper com estruturas narrativas lineares. Nascido em 1966, em Nova York, é filho do cineasta Tad Danielewski, o que possivelmente

influenciou seu interesse por narrativas visuais e formas híbridas de contar histórias. Formado em Literatura pela Universidade de Yale e em Cinema pela USC School of Cinematic Arts, Danielewski desenvolve uma abordagem interdisciplinar que se expressa de maneira marcante em *Casa de Folhas*, originalmente publicado em 2000. A obra ganhou notoriedade internacional ao ser classificada como um exemplo de literatura ergódica, conceito formulado por Espen Aarseth (1997), que define obras que exigem esforço ativo do leitor na construção de significado.

O design editorial da edição brasileira cumpre papel determinante na imersão do leitor. O uso de diferentes fontes e cores, por exemplo, atua na identificação das múltiplas camadas narrativas e amplia a fragmentação textual. O nome do personagem Johnny Truant aparece em vermelho, destacando sua instabilidade emocional, enquanto a palavra “casa” é impressa recorrentemente em azul, funcionando como um marcador visual da centralidade espacial na narrativa. Essas opções tipográficas não têm apenas função estética, mas constituem dispositivos narrativos que aprofundam a experiência de leitura.

A diagramação inclui variações constantes na orientação do texto. Em diversos trechos, o leitor é levado a girar, inclinar ou folhear o livro de maneira não convencional, devido à disposição irregular dos blocos textuais. Essa interação física simula o processo de exploração labiríntica vivenciado pelos personagens e intensifica a sensação de desorientação. O uso intencional do espaço em branco, por sua vez, cria páginas quase vazias, gerando pausas visuais e sugerindo ausências, silêncios e rupturas na linearidade da narrativa (Figura 2). Tal recurso atua como um “silêncio visual”, refletindo o vazio psicológico e os espaços de indeterminação da história.

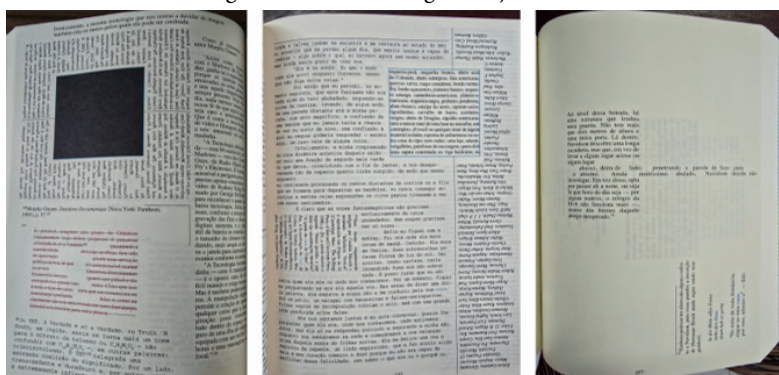
Figura 2. Exemplo de variação tipográfica.



Fonte: Arquivos do autor

Outro elemento gráfico relevante é o uso de colunas múltiplas e blocos de texto fragmentados ou sobrepostos (Figura 3). Essa estrutura representa a simultaneidade de eventos e pensamentos, exigindo do leitor um esforço ativo na recomposição da narrativa. A leitura deixa de ser linear e depende da reconstrução de fragmentos textuais dispersos. Samara (2005, p. 42) argumenta que esse tipo de layout gráfico desafia o leitor a reorganizar mentalmente o conteúdo, promovendo uma leitura interpretativa e participativa — aspecto plenamente explorado por Danielewski.

Figura 3. Colunas e fragmentação do texto.



Fonte: Arquivos do autor

Essa fragmentação estrutural reflete diretamente o estado psicológico dos personagens, em especial Johnny Truant, cuja deterioração mental é visualmente representada pelas quebras de padrão na diagramação. A experiência de leitura torna-se, assim, uma extensão da própria psique dos personagens, espelhando o caos e o terror psicológico que eles vivenciam. Páginas quase vazias, textos dispostos em ângulos inusitados e trechos sobrepostos criam uma sensação constante de desconforto e suspense. Essa estética do vazio e da desordem transforma o livro em um espaço físico e sensorial, onde o design gráfico não só ilustra, mas constrói a narrativa.

As escolhas editoriais da Darkside Books na edição de 2024 intensificam ainda mais essa proposta. O livro torna-se um objeto metanarrativo<sup>4</sup>, no qual o design editorial não só sustenta a narrativa, mas também se transforma em parte dela. O leitor é levado a adotar uma postura investigativa, explorando não somente o enredo, mas também os aspectos visuais e materiais da obra. A materialidade do livro — sua diagramação, tipografia e uso do

<sup>4</sup>Metanarrativa, substantivo feminino. 1. [Literatura] Discurso narrativo que faz uma reflexão sobre o processo narrativo ou a construção da narração. 2. [Filosofia] Narrativa extensa que explica o conhecimento ou representar o universo, ou uma verdade absoluta.

espaço em branco — torna-se uma extensão da própria narrativa, criando uma experiência literária que vai além da leitura tradicional.

Assim, Casa de Folhas não se limita a ser um romance; é uma obra que desafia a definição de literatura ao incorporar o design editorial como um elemento narrativo fundamental. O livro se transforma em um espaço labiríntico, tanto em termos de conteúdo quanto de forma, onde o leitor é um explorador ativo, imerso em uma experiência que combina texto, imagem e materialidade de maneira inseparável.

### **Análise do Design Editorial e Tipos de Narrativa**

Na literatura contemporânea, observa-se uma transformação significativa no papel da diagramação, que deixa de ser um mero recurso organizacional para assumir uma função narrativa ativa. Essa mudança reflete o avanço das práticas de design gráfico e editorial, que integram forma e conteúdo de maneira indissociável, conferindo à apresentação visual dos textos um papel fundamental na mediação da leitura e na construção do sentido. Em obras de caráter experimental, o design editorial opera como ponte entre o leitor e a narrativa, adicionando camadas de significado por meio de escolhas gráficas que subvertem as convenções da escrita linear.

O conceito de literatura ergódica, formulado por Espen Aarseth (1997) em *Cybertext: Perspectives on Ergodic Literature*, oferece um marco teórico para a compreensão dessa dinâmica. Segundo o autor, obras ergódicas exigem um esforço não trivial do leitor para navegar e interpretar o texto, de modo que a interação com a materialidade do livro e sua diagramação se torna essencial para a apreensão da narrativa (Aarseth, 1997, p. 78). Nesse contexto, a organização visual do conteúdo, os deslocamentos estruturais e o uso expressivo do espaço gráfico passam a desempenhar funções centrais na experiência literária.

Um exemplo emblemático dessa abordagem é o romance S. (2013), de J.J. Abrams e Doug Dorst (Figura 4). A obra incorpora múltiplos elementos gráficos e paratextuais — como cartas, anotações manuscritas, recortes de jornal e artefatos visuais — que acrescentam profundidade narrativa e complexidade à leitura. Johanna Drucker (1994) argumenta que a diagramação em romances experimentais “rompe com a linearidade, permitindo que a narrativa seja percebida como um processo multidimensional” (Drucker, 1994, p. 48). Em S., cada artefato gráfico é uma peça que exige do leitor um envolvimento interpretativo ativo, colaborando na construção fragmentada da história.



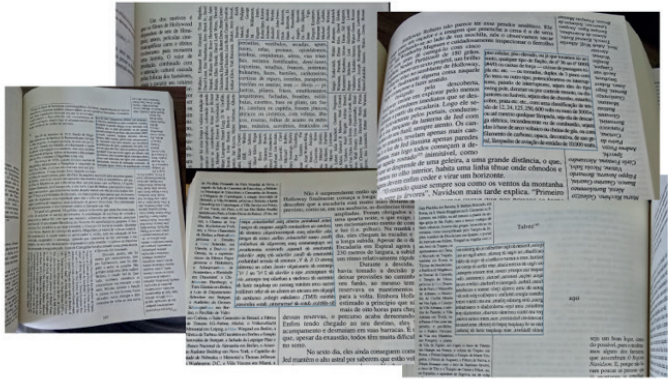
Figura 4. Artefatos gráficos em S..



Fonte: Blog Intrínseca.

Essa perspectiva aplica-se igualmente a *Casa de Folhas* (2024), cuja diagramação se apoia em grids, colunas e disposições tipográficas não convencionais. Enquanto, em termos tradicionais, os grids possibilitam estruturar e sistematizar o conteúdo com clareza, nesta obra sua subversão contribui para um ambiente visual caótico e desorientador. Müller-Brockmann (1981, p. 10) observa que “o uso do sistema de grelha implica a intenção de sistematizar, buscar clareza e racionalizar processos criativos”; no entanto, em *Casa de Folhas*, tais estruturas são desconstruídas para refletir a instabilidade dos personagens e a complexidade narrativa (Figura 5).

Figura 5. Fragmentação por grids e colunas em *Casa de Folhas*.



Fonte: Arquivos do autor



O design editorial da obra não se limita à ornamentação, mas opera como linguagem visual autônoma que complementa e expande o conteúdo verbal. Elementos como tipografia, espaçamento e distribuição dos textos nas páginas são mobilizados como recursos expressivos e narrativos. Samara (2005, p. 69) destaca que “a disposição dos elementos gráficos pode criar uma tensão visual que afeta diretamente a leitura e a interpretação do conteúdo”. O emprego de diferentes fontes e tamanhos, por exemplo, modifica o ritmo da leitura, altera a percepção do tempo narrativo e marca distintas vozes enunciativas.

Robert Bringhurst (2005, p. 89) afirma que “a tipografia é a arte de dar forma ao conteúdo, harmonizando a voz do autor com a apresentação visual”. Tal princípio encontra aplicação direta em *Casa de Folhas*, em que a variação tipográfica reforça a fragmentação da narrativa e evidencia a multiplicidade de perspectivas e vozes narrativas. As transformações gráficas ocorrem com frequência, criando camadas semióticas que exigem do leitor um posicionamento interpretativo e sensorial.

A metáfora do labirinto é recorrente em obras que adotam estruturas narrativas não lineares e fragmentadas. Na diagramação, essa metáfora é atualizada por meio da desconstrução visual do texto: margens irregulares, quebras abruptas de parágrafo, saltos visuais e sobreposições de trechos. Umberto Eco (1990, p. 57) descreve o labirinto como “uma estrutura de múltiplos caminhos, onde cada escolha leva a novas possibilidades de interpretação”. Assim, a organização gráfica labiríntica em *Casa de Folhas* simboliza tanto a arquitetura fictícia da casa quanto a mente de seus personagens, imersos em angústia e desorientação.

A narrativa proposta por Danielewski, portanto, exige do leitor um papel ativo na recomposição dos fragmentos. A leitura torna-se um ato investigativo e performático, exigindo movimentos físicos e atenção aos sinais gráficos. Gérard Genette (1980) compara a narrativa não linear a um labirinto de sentidos, em que o leitor deve navegar por entre fragmentos e lacunas, interpretando silêncios e ausências para reconstruir o enredo. Em *Casa de Folhas*, essa lógica é incorporada ao design editorial, que simula a instabilidade mental dos personagens e reforça os temas centrais da obra.

Assim, a diagramação em *Casa de Folhas* não apenas guia ou acompanha a leitura, mas constitui um elemento central de sua arquitetura narrativa. Ao unir forma e conteúdo de maneira indissociável, a obra cria uma experiência literária expandida, na qual a percepção visual e tátil do leitor participa da construção do sentido. O design editorial, nesse contexto, deixa de ser coadjuvante para se tornar protagonista de uma narrativa que se desenvolve tanto no plano textual quanto no gráfico.

### A Diagramação e o Design Editorial como Elementos Narrativos

A obra *Casa de Folhas*, de Mark Z. Danielewski, transcende a noção convencional de literatura, configurando-se como uma experiência sensorial na qual a diagramação e o design editorial assumem papel central na construção narrativa. O autor utiliza esses elementos visuais para instaurar uma atmosfera de desorientação e refletir a instabilidade psicológica dos personagens, transformando o design gráfico em um componente essencial da estrutura ficcional.

A disposição gráfica do texto rompe com os paradigmas tradicionais ao alternar páginas densamente preenchidas com outras quase vazias (Figura 6), estabelecendo um ritmo visual singular. Essa oscilação reflete simbolicamente os estados mentais dos personagens, em especial Johnny Truant, cuja deterioração psicológica é intensificada pela fragmentação textual. A organização visual do conteúdo reproduz o labirinto arquitetônico descrito na narrativa, exigindo do leitor um percurso ativo e não linear. Nesse contexto, a alteração proposital do grid, conforme destacado por Müller-Brockmann (1981, p. 41), contribui para a criação de novos significados narrativos.

Além do layout, os espaços em branco adquirem função expressiva ao atuarem como interrupções visuais que intensificam a tensão e o suspense. Segundo Lupton (2010, p. 32), o uso estratégico do vazio gráfico pode modular o ritmo de leitura e provocar emoções específicas. Em *Casa de Folhas*, esses espaços materializam simbolicamente o desconhecido e a ausência, convidando o leitor a preencher lacunas interpretativas com sua própria subjetividade.

A tipografia constitui outro recurso de destaque, empregada como marcador visual de camadas narrativas e identidades discursivas. A utilização de cores distintas — como azul para a palavra “casa” e vermelho para o nome “Johnny Truant” —, bem como variações tipográficas, favorece a distinção de vozes e perspectivas, além de simular a fragmentação psíquica vivenciada pelos personagens. De acordo com Bringhurst (2005, p. 68), a tipografia pode ultrapassar a estética para intensificar o significado do texto, o que se verifica na obra de Danielewski.

A presença de imagens, diagramas e elementos gráficos amplia a complexidade narrativa, funcionando como dispositivos simbólicos que ilustram a arquitetura impossível descrita no enredo. Conforme argumenta McGann (1991, p. 42), o texto literário deve ser compreendido como objeto material cuja forma física influencia diretamente sua recepção. Em *Casa de Folhas*, o manuseio e a interação com esses elementos visuais intensificam a sensação de deslocamento e reforçam a dimensão ergódica da leitura.

Desse modo, a diagramação ultrapassa sua função organizacional e se converte em agente narrativo. A fragmentação textual, a manipulação do grid e o uso cromático deliberado se articulam para representar as instabilidades psicológicas dos personagens e a complexidade espacial da narrativa (Figura 7). Como observa McHale (1987, p. 72), a subversão de convenções tipográficas nas obras pós-modernas é um recurso eficaz para promover o envolvimento do leitor, algo que Danielewski realiza de forma inovadora.

### Conclusão

A análise da diagramação de *Casa de Folhas* demonstra que o design editorial pode operar como elemento estruturante da narrativa literária. Mark Z. Danielewski emprega recursos gráficos — como layout, tipografia, cromatismo e disposição espacial — não apenas como suporte visual, mas como prolongamento simbólico do conteúdo textual. A obra exemplifica uma abordagem ergódica de leitura, na qual a interpretação é mediada pelo esforço físico e cognitivo do leitor diante da forma do livro.

A tipografia variável, os grids irregulares e os espaços em branco operam como extensões visuais dos conflitos internos dos personagens e da espacialidade labiríntica da casa. Essa articulação entre forma e conteúdo é rara na literatura convencional e evidencia o potencial do design gráfico como ferramenta narrativa. A obra não apenas desconstrói a linearidade da leitura, mas também propõe uma nova estética literária centrada na experiência sensorial do leitor.

*Casa de Folhas* reafirma o valor do livro impresso como objeto narrativo em um contexto de crescente digitalização, demonstrando que sua materialidade pode enriquecer a leitura por meio de interações táteis e visuais. Para o campo do design editorial, a obra representa uma experimentação bem-sucedida que inspira novas formas de pensar o livro como meio expressivo. As estratégias adotadas por Danielewski demonstram como aspectos gráficos podem transcender a função estética e adquirir relevância semântica, criando camadas adicionais de interpretação.

Sugere-se, para estudos futuros, a comparação entre edições internacionais da obra, de modo a observar como as variações gráficas influenciam a experiência de leitura em diferentes contextos culturais. Ademais, investigações sobre a recepção do livro por públicos diversos podem fornecer dados relevantes sobre o impacto da diagramação na construção do sentido. O conceito de literatura ergódica, presente neste estudo, pode também ser expandido para outras mídias digitais, revelando caminhos de convergência entre design, narrativa e tecnologia.

Em síntese, *Casa de Folhas* é uma obra paradigmática que redefine os limites do design editorial e da literatura. Sua diagramação não apenas estrutura, mas também é a narrativa. Danielewski apresenta ao leitor um labirinto textual e visual que exige envolvimento ativo, promovendo uma experiência estética e cognitiva singular. Ao final, o livro comprova que a forma pode ser tão poderosa quanto o conteúdo — e, em alguns casos, indissociável dele.

## {REFERÊNCIAS}

- AARSETH, Espen J. *Cybertext: Perspectives on Ergodic literature*. Baltimore: John Hopkins UP, 1997. E-book.
- ABRAMS, J.J.; DORST, Doug. S.. Londres: Canongate Books, 2013.
- BRINGHURST, Robert. *Elementos do Estilo Tipográfico*. 3 ed. São Paulo. Cosac & Naify, 2005. E-book.
- DANIELEWSKI, Mark Z. *Casa de Folhas*. 2 ed. São Paulo. Editora Darkside Books, 2024.
- DANIELEWSKI, Mark Z. *House of Leaves*. 2 ed. Nova Iorque. Editora Pantheon Books, 2000. E-book.
- DARKBLOG. Conheça os bastidores da Edição Brasileira de Casa de Folhas. 2024. Disponível em: <Conheça os bastidores da edição brasileira de Casa de Folhas - DarkBlog | DarkSide Books>. Acesso em: 27 out. 2024.
- DARKBLOG. Você sabe o que é narrativa ergódica? Disponível em: <Você sabe o que é narrativa ergódica? - DarkBlog | DarkSide Books>. Acesso em: 09 dez. 2024.
- DRUCKER, Johanna. *The Visible Word: Experimental Typography and Modern Art*. Chicago: University of Chicago Press, 1994. E-book.
- ECO, Umberto. *Os Limites da Interpretação*. São Paulo: Perspectiva, 1990. E-book.
- GENETTE, Gérard. *Narrative Discourse: An Essay in Method*. Ithaca: Cornell University Press, 1980. E-book.
- INTRÍNSECA. O quebra-cabeça literário de J.J. Abrams. 2015. Disponível em: <O quebra-cabeça literário de J.J. Abrams - Editora Intrínseca>. Acesso em: 01 nov. 2024.
- LUPTON, Ellen. *Pensar com Tipos: Um Guia Crítico para Designers, Escritores, Editores & Estudantes*. São Paulo: Cosac Naify, 2010. E-book.
- METANARRATIVA, in Dicionário Online Priberam de Português. Disponível em: <metanarrativa - Dicionário Online Priberam de Português>. Acesso em: 08 nov. 2024.
- MCGANN, Jerome. *The Textual Condition*. New Jersey: Princeton University Press, 1991.
- MÜLLER-BROCKMANN, Josef. *Grid Systems in Graphic Design: A Visual Communication Manual for Graphic Designers, Typographers, and Three Dimensional Designers*. 3ed. Zurich. Niggli Verlag, 1981. E-book.
- MULTIPLICIDADE, in Dicio, Dicionário Online de Português. Disponível em: <Multiplicidade - Dicio, Dicionário Online de Português>. Acesso em: 25 set. 2024.
- NEVES, Rômulo. *Literatura experimental aponta infinitas possibilidades na escrita*. 2016. Disponível em: <Literatura experimental aponta infinitas possibilidades na escrita | Metrôpoles>. Acesso em: 28 out. 2024.
- SAMARA, Timothy. *Making and Breaking the Grid: A Graphic Design Layout Workshop*. Gloucester: Rockport Publishers, 2005.
- SUBVERSÃO, in Dicio, Dicionário Online de Português. Disponível em: <Subversão - Dicio, Dicionário Online de Português>. Acesso em: 8 out. 2024.

**Texto enviado em: junho de 2025**

**Texto aceito em: agosto de 2025**

{...}